

O Desterro do Cid

Enviou el-rei Dom Afonso a Rui Dias, o *Cid*, a receber os tributos que em cada ano lhe pagavam os reis de Córdova e de Sevilha. Àquele tempo Almutaniz, rei de Sevilha, e Almudafar, rei de Granada, queriam-se mal como mortais inimigos. Estavam com Almudafar o conde Dom Garcia Ordóñez e outros senhores castelhanos: e estes e el-rei de Córdova foram-se contra Almutaniz. Rui Dias, quando soube que assim vinham sobre el-rei de Sevilha, vassalo e tributário de el-rei Dom Afonso, seu senhor, houve-o por mal, sentiu grave pesar; e por cartas rogou a todos que não pelejassem com Almutaniz, nem lhe destruíssem a terra.

Não cuidando no que as cartas pediam, el-rei de Granada e os ricos-homens que o ajudavam foram-se mui esforçadamente contra el-rei de Sevilha e destruíram-lhe a terra até ao castelo de Cabra.

Isto sabendo, Rui Dias foi-se a eles, deu-lhes batalha que durou desde a hora de terça até ao meio-dia, fez grande mor-

tandade em mouros e cristãos da parte de el-rei de Granada e, desbaratando-os, os lançou do campo.

Prendeu Rui Dias ao conde Dom Garcia Ordóñez e arrancou-lhe um punhado das barbas, assim como prendeu a muitos cavaleiros e a tanta outra gente que não tinha conto; e, depois que os houve presos três dias, a todos mandou soltar. Enquanto àqueles guardava cativos, ordenou aos seus que recolhessem quantos haveres e riquezas haviam ficado no campo, e de aí tornou-se com a hoste e o despojo para Almutaniz, rei de Sevilha, a quem deu, assim como a esses mouros, quanto reconheceram por seu deles, e ainda do mais que quiseram tomar.

De ali em diante chamaram mouros e cristãos a este Rui Dias de Bivar — o *Cid Campeador*.

Fez-lhe Almutaniz ricos dons e pagou-lhe os tributos que ele viera cobrar, com os quais o Cid se tornou para el-rei Dom Afonso, seu senhor.

Tiveram muitos grande inveja destes feitos e buscaram malquistá-lo com el-rei, a quem disseram que dos tributos recebidos guardara o Cid fartas riquezas. Como el-rei estava muito irado contra o Cid, logo creu nos enredadores; e por cartas lhe mandou que saísse do reino.

Chamou o Cid a seus parentes e vassalos; contou-lhes de como el-rei o mandava desterrar, mais lhe não dando que nove dias para ir cumprir o desterro, e que queria saber quais iriam com ele e quais se ficariam.

— Os que vierem comigo, bom grado hajam de Deus! E dos que ficarem me quero ir satisfeito.

Falou por todos Álvaro Fáñez Minaya, seu primo co-irmão:

— Cid, convosco iremos por ermos e povoados, jamais vos faltaremos enquanto formos vivos, e sempre por leais vassalos nos tereis.

Aprovaram todos a quanto dissera Dom Álvaro, e o Cid agradeceu o que lhe ali disseram.

Deixando ermo e abandonado o palácio, vai mudar-se de Bivar para Burgos o Cid; leva os olhos cheios de lágrimas e, voltando a cabeça, olha as portas abertas, os postigos sem cadeados, os poleiros sem mantos nem açores.

Então suspirou e, comedido, disse:

— Graças te sejam, Padre e Senhor que no alto estás! Isto me urdiram tredos inimigos!

Soltam as rédeas os cavaleiros a caminho de Burgos e, à saída de Bivar, voou-lhes um corvo à dextra, mas à entrada em Burgos voou-lhes outro à sinistra.

Encolheu os ombros o Cid e levantou a cabeça:

— Alvissaras, Álvaro Fáñez, que desterrados nos vamos. Mas com grande honra tornaremos a Castela!

Entra o Cid por Burgos, com sessenta pendões a acompanhá-lo. Para o verem passar, saem mulheres e homens; põem-se às janelas burgaleses e burgalesas, e tanta dor sentiam que choravam, ao passo que de todas as bocas saía a mesma lástima:

— Deus! que bom vassalo se houvesse bom senhor!...

Todos de bom grado o albergariam, mas nenhum ousava: grande era a sanha de el-rei Dom Afonso e antes da noite chegara a Burgos a carta real que ordenava ninguém desse pousada ao Cid, sob pena de perder seus haveres, os olhos

da cara, e mais o corpo e a alma. A todos a dor afligia, mas cada um se sumia, sem dar palavra.

Encaminhou-se o Campeador para a sua pousada, porém o medo cerrara também aquela porta; quando os do Cid chamaram em altas vozes, ninguém respondeu. Tirando o pé do estribo, o Cid feriu a porta: mas a porta, trancada, não se abriu. Então acercou-se uma menina de nove anos e falou-lhe assim:

— Ai! Campeador, em boa hora cingistes espada! Mas el-rei mandou que vos não albergássemos e, se o fizéssemos, perderíamos casas e haveres, e mais os olhos da cara. Cid, a nossa perda não vos daria remédio. Que o Senhor Deus vos ajude com suas virtudes santas!

Assim falou a menina, e tornou a entrar em casa.

Já o Cid entendia que el-rei lhe não perdoava. Partindo-se dali, atravessou Burgos, chegou a Santa Maria e descavalgou.

De joelhos, rezou com todo o coração.

Acabada a oração, passou a ponte do Arlançon e no areal fincou a sua tenda.

Rui Dias de Bivar, o que em boa hora cingira espada, acampou em areal de rio porque ninguém o quis acolher.

Tal como em serra brava, e rodeado de sua companhia, ficou o Cid Campeador.

Também aos de Burgos era vedado vender comida ao Cid, e ninguém ousava vender-lhe um dinheiro dela que fosse.

Martim Antolínez, o leal burgalês, abastece-o e aos seus de pão e de vinho, do que todos se alegram. E porque lhes dá do que lhe pertence, em nada desobedece. E Martim Antolínez disse ao Cid:

— Oh Campeador, em boa hora nascestes! Repousemos esta noite e abalemos de madrugada, pois serei acusado de vos servir e a sanha de el-rei me alcançará. Se convosco escapo são e vivo, ainda cedo ou tarde me há-de el-rei requestar a amizade. Se não, a tudo o que deixo lhe quero menos que a um figo!

Respondeu o Cid:

— Martim Antolínez, sois bravo cavaleiro! Se viver, dobrar-vos-ei o soldo. Mas bem vedes que não trouxe ouro nem prata, de que hei mister para a minha companhia; e, pois de bom grado os não havei, tomá-los-ei por força. Com vosso conselho quero servir-me de duas arcas forradas de couro vermelho lavrado e com boa pregaria dourada. Enchamo-las de areia a fim de serem pesadas. Com os judeus Raquel e Vidas vos ireis ter e dir-lhes-eis que, pois em Burgos me negaram pousada à ordem de el-rei que me desterrou, não posso levar meus haveres por serem muito pesados. Levai as arcas de noite; que o não veja ninguém. Julgue-o, sim, o Criador com todos os seus Santos, pois, se Deus me ajudar, a tudo remediarei.

Passou Martim Antolínez por Burgos, entrou apressurado no castelo, buscou a Raquel e Vidas, que estavam entretidos a contar os seus ganhos e, no aperto em que se via, falou-lhes assim:

— Raquel e Vidas, caros amigos, quero falar-vos à puridade. Dai-me as mãos, prometei que me não descobrireis a mouros nem a cristãos, e eu vos farei ricos para sempre! Sabei que o Campeador tomou grandes haveres das páreas que cobrou, pelo que foi desterrado. Tem duas arcas cheias